

RECICLAGEM

À extensa cobertura jornalística da morte do Papa Francisco, o “papa dos pobres” e as solenidades de sepultamento, seguida pelo conclave que elegeu o novo líder da Igreja Católica Apostólica Romana, juntou-se a coincidência de assistir ao belo filme “Conclave” dirigido por Edward Berger com Ralph Fiennes no papel principal, ganhador do Oscar desse ano como melhor roteiro adaptado. A religiosidade e a fé nesses momentos que catalisam a atenção de pessoas do mundo todo transparece na cobertura jornalística, mas passado o efeito da massiva cobertura, fica apenas a ação concreta do novo papa em suas palavras e atos normativos. A perda de fiéis pela Igreja Católica no Brasil é um fato, em sua maioria migrantes para as evangélicas, fato corroborado pelas pesquisas sobre o tema. A fé numa religião continua em alta no Brasil.

Foi por isso que lembrei de uma história que ouvi, não sei se verdadeira ou não, mas resolvi adaptar para a nossa realidade. Na verdade, é um plágio, mas vamos tratar como “reciclagem de história”. Afinal, se as pessoas acreditam na Terra Plana, se rezam pra pneus, se vacina tem chip chinês e milhões creem que Bozonaro fez bom governo e não tentou dar golpe, copiar é crime de pequena monta, com direito a anistia que a tentativa de golpe de estado não deve proporcionar a nenhum canalha dessa turma.

Num belo dia, num desses campeonatos perdidos no tempo, a Francana foi jogar no célebre estádio Oswaldo Scatena do Batatais Futebol Clube, o “Fantasma da Mogiana”. O Batatais tinha um lateral esquerdo evangélico muito crente. Antes dos jogos, lia passagens da Bíblia aos companheiros, comandava uma oração e encorajava os rapazes do time a frequentar o culto no bairro onde morava, um conjunto habitacional na saída para Altinópolis. Às vezes, o pastor até o deixava falar durante o culto, de tanto que se esforçava para entender a mensagem divina.

Logo que o jogo começou, houve uma falta dura do zagueiro do Batatais sobre um dos atacantes da Francana, o juiz apitou e aplicou o cartão amarelo como manda a regra. Afinal, a rivalidade entre os dois times sempre foi grande, botinada nunca faltou nesse dérbi regional. O evangélico chegou no juiz e disse: “não foi falta pra cartão, são juiz, Deus tá vendo”. Dali a pouco, numa bola dividida, o juiz deu a bola pra Francana. O jogador evangélico chegou no juiz e disse: “a bola era nossa, são juiz, Deus tá vendo”. Ao final do primeiro tempo, o sujeito tinha reclamado ao juiz ao menos umas dez vezes, sempre terminando com “Deus tá vendo”.

Após o intervalo, o jogo seguiu num disputado zero a zero, nada de gol e o jogador evangélico cobrando o juiz que “Deus tá vendo” em toda decisão contrária ao Batatais. Até que, aos 41 minutos do segundo tempo, um zagueiro do Batatais dá uma rasteira no atacante da Francana e o derruba dentro da área. O juiz não tem dúvida, apita e aponta para a marca do pênalti para os visitantes, ante os apupos da torcida local. Antes mesmo de formar aquele “bolo” de jogadores de vermelho do Fantasma da Alta Mogiana para reclamar do juiz, o lateral esquerdo evangélico encosta no juiz.

Rápido no gatilho e antes que possa falar qualquer coisa, o juiz vira pra ele e diz na lata: “nesse mesmo horário no Pacaembu estão jogando São Paulo x Corinthians. Você acha mesmo que Deus tá vendo Batatais e Francana? Foi pênalti e acabou”.

Mauro Ferreira é arquiteto